

Lizângela Torres em Incursões Noturnas: notas sobre a poética das sombras projetadas pela artista

*Lizângela Torres in Night Incursions: notes on the
poetics of the projected shadows by the artist*

EDUARDO FIGUEIREDO VIEIRA DA CUNHA*

Artigo completo submetido a 20 de janeiro de 2017 e aprovado a 5 de fevereiro de 2017

*Brasil, Artista Visual. Bacharelado em Desenho pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Master of Fine Arts, City University de Nova York. Doutorado em Artes Plásticas e Ciências da Arte em Partis-1 Panthéon-Sorbonne (Paris-1).

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Instituto de Artes (IA); Departamento de Artes (DAV); Programa de pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV) R. Sr. dos Passos, 248 — Centro, Porto Alegre — RS, 90020-180, Brasil. E-mail: ecunha@cpovo.net

Resumo: O artigo versa sobre o trabalho da artista brasileira Lizângela Torres (Brasil, 1989), mais especificamente a série “Incursões noturnas” quando situações obscuras são exploradas através do vídeo, da fotografia, do desenho e instalações. Pretende-se tratar sobre a poética da sombra projetada, e o seu papel como impulsionadora de um trabalho plástico. A melancolia, a aliança com a noite, e o negativo serão ligados ao mito da origem da pintura de Plínio, o Velho. É onde o desejo de figuração desta sombra pode dar uma forma aos nossos fantasmas.
Palavras-chave: Noite / sombra / ação / fotográfico.

Abstract: *The article deals with the work of Brazilian artist Lizângela Torres (Brazil, 1989), more specifically the series “Night Incursions” when obscure situations are explored through video, photography, design and installations. It is intended to deal with the poetics of projected shadow, and its role as the driver of a plastic work. Melancholy, the alliance with the night, and the negative will be linked to the myth of the origin of the painting of Pliny the Elder. It is where the desire for figuration of this shadow can give shape to our ghosts.*

Keywords: *Night / shadow / action / photographic.*

Introdução

A sombra acompanha a poética de Lizângela Torres. A noite interior e plena de sombras, sinônimo de ausência de luz, foi tema de seus primeiros trabalhos realizados desde os anos 2000, em Porto Alegre, Brasil. Como em um protocolo de iniciação de um processo de criação, os trabalhos desta artista brasileira começaram em vídeos e fotos noturnas em estradas dos arredores da cidade de Porto Alegre, na série intitulada *Incursões Noturnas*. Os primeiros trabalhos já nos falavam da irrupção intempestiva da escuridão no processo de criação. Desde 2015, com um estágio de doutoramento em Lisboa (Portugal), ela escolheu as ruas do bairro do Chiado para realizar performances noturnas para a câmara, encenando uma morte imaginária, como se fosse sua própria morte.

Este artigo parte destas performances, para realizar uma reflexão sobre a poética do noturno, da obscuridade e da sombra como metáforas da criação em arte. Com desdobramentos na psicanálise, na filosofia e no campo da arte, vamos utilizar referenciais que vão desde Hegel e Cícero, passando por Jean Lancry (Lancry, 2013), Anne-Moeglin-Delcroix (Moeglin-Delcroix 1991), Murielle Gagnebin (Gagnebin 2002) e Agnès Minazzoli (Minazzoli 2012).

A conclusão aponta para uma releitura do mito da origem da pintura, de Plínio, o Velho, como vontade de paralizar e congelar o desejo, eternizando-o como uma figura, a figura da sombra projetada. A marca do desejo se faz então como ausência, carência, onde a imagem só pode efetivar-se pela mediação de uma perda, em uma resiliência, como o trabalho do luto e o trabalho do olhar.

1. A sombra como memória de um corpo, e o desejo

Esculpir com as sombras. Partindo das trevas, das ausências, das faltas, poderia o artista estabelecer uma aliança com a noite, transformando-a em material plástico? Uma noite com aquela que nunca vivenciamos realmente, como o oca-so final? E estaria ele assim se prevenindo para as surpresas da morte?

Esta seria a metáfora e as questões presentes nas práticas realizadas por Torres em *Incursões Noturnas*. Diante de um território obscuro, formado por ruas soturnas e estradas vazias, a artista realiza ações e performances com seu próprio corpo. A fotografia e o vídeo registram a imagem e a sombra projetada da artista, assim como a duração do movimento, em uma profusão de marcas de seu corpo, linhas e manchas. Nestas, estaria talvez seu desejo em dar forma a estas muitas ausências, em esculpir, com a matéria precária dos espectros, uma presença inédita? Sua intenção certamente não é a de fazer um pacto com a morte, mas de antecipar-se, preparando-nos para as suas surpresas, efetivando, a partir desta angústia, um trabalho plástico.



Cunha, Eduardo Vieira da (2017) "Lizângela Torres em *Incursões Noturnas*: notas sobre a poética das sombras projetadas pela artista."



Figura 1 - Lizângela Torres: *Incursões noturnas*. (2015). Fotografias, 35 x 75 cm. Fonte: arquivo da artista.

Figura 2 - Lizângela Torres. Reprodução do vídeo *Incursões Noturna, Ibiraquera 005*, 2009. Fonte: arquivo da artista.

Aqueles que desapareceram, se perderam na noite escura. Estão privados da vida, privados da luz. Ausências, abandonos, carências. Trabalhar com arte significa trabalhara partir de privações, de faltas. Um desejo de algo ausente. Da mesma maneira, fazer de seu próprio corpo o sujeito de sua obra, significa não parar de registrar as modificações do tempo e, mesmo em um teatro noturno, encenar a proximidade da chegada da morte como negação e afirmação.

Não seria esta a angústia que move os artistas? Desejo de eternizar o desejo em uma forma, de paralizá-lo em e através da imagem. Ou conforme Jean Lancri, “na origem do desejo de imaginar, figuraria a vontade de dar uma imagem ao desejo” (Lancri, 2013: 29). Como a jovem Dibutade, que recorta a sombra projetada de seu desejo, Lizângela Torres realiza em seus trabalhos o desejo de o congelar, esculpindo em sombras, a partir daquelas projetadas por seu próprio corpo. A sombra e a ausência da luz aparecem então como um princípio, o da falta, suscetível de catalizar e assim movimentar um processo de criação.

O desejo é noturno. Cícero define o desejo como “a libido de ver alguém que não está lá” (Cícero, 2012: 47). Se con-siderar significa ver os astros, de-siderar, de onde vem *desiderium*, desejo, significa o astro ausente. A perda aparece, portanto, como algo anterior e determinante do desejo. O desejo, conforme a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, se faz como carência (Hegel, 2013). Na série *Incurções Noturnas*, (Figura 1) há, segundo a artista, na “procura no breu, a aparição de uma morte-acontecimento, onde as situações obscuras referem-se ao processo de criação” (Torres, 2016: 300). E não estaria na vontade de vencer a morte, de tornar-se lembrado através da construção de uma obra, o desejo de imortalidade do artista?

2. A sombra como marca de nossa imperfeição

Em literatura, a sombra aparece como metáfora da continuação do visível no invisível. São as aparições espectrais, que pertencem a um reino sombrio, e que nos atormentam. A constituição de um arquivo de sombras de si mesmo, como realiza Lizângela Torres, transforma-se assim em um projeto museológico, cujas finalidades são as de ordenação, de auto-conhecimento, e de conservação. No fundo, estaria a idéia de que a obra confere ao artista o dom da imortalidade. Com o diria Anne Moeglin-Delcroix, esta atitude levaria a um aforismo que se resume nos seguintes termos “*work in progress, death in progress*” (Moeglin-Delcroix, 2003: 89). Isto significaria ir adiante do tempo ao invés de segui-lo, e preparar-se para a surpresa da finitude do corpo.

Lizângela Torres integra-se, desta maneira, a toda uma geração de fotógrafos contemporâneos que trabalham com a teatralização da morte, usando a

fotografia e o vídeo como meios. Através de comportamentos ritualizados, nos quais seus próprios corpos assumem um papel fundamental, eles se dedicam a exercícios de regressão, tentando, segundo Moeglin-Delcroix, reconquistar ligações perdidas e uma improvável unidade com as forças primordiais da natureza, tais como o elementar, o originário e o instintivo. Nas cerimônias solitárias de Torres, onde a artista se coloca em cena como um ator-fotógrafo, vivenciamos sua morte simbólica e imaginária. Mesmo sendo uma falsa morte, a ideia de transsubstanciação está presente: com o diria Marie-José Mondzain, a transsubstanciação ocorre através da operação de consagração não-sacramental da fotografia, que tem o poder de transformar as (poucas) luzes e as sombras, que são imateriais, em imagens, esculturas, feitas de sombras e luzes, todas materiais (Mondzain, 1997).

Mas de que adiantaria isto tudo, se temos a certeza da morte? E sabemos que, quando morremos, a luz, como toda outra atividade, se apaga? Sendo a fotografia vista como uma arte das sombras antes de ser uma arte das luzes, ela não pretenderia mais ser aquela arte da *skiografia*, impressão das luzes, mas a arte que resiste à luz, em um louvor às sombras. Resta-nos lembrar de Tanisaki Junishiro, em seu hino à doçura da penumbra, denunciando a violência da luz, aquela que não respeita a intimidade. Em vez do brilho, o autor prefere os reflexos profundos, este fosco que revela o efeito do tempo, que representa a espera, a vigilância e a reflexão. Do reflexo à reflexão (Junishiro, 2003).

2. Na estrada noturna, buscando e fugindo da sombra

Em cenas de uma estrada deserta, ainda na noite obscura, um vídeo da série *Incurções Noturnas* nos mostra o ponto de vista dos faróis de um carro percorrendo e iluminando o caminho, abrindo uma fenda no breu. O automóvel parece estar ao mesmo tempo procurando e fugindo de algo, em um desejo paradoxal: o desejo da falta. Da perda de si mesmo, da perda do caminho, da forma. Uma fuga não no sentido de ter algo atormentando e perseguindo, mas no desejo de distanciar-se de algo desconhecido. Talvez a artista estivesse fugindo de algo, para poder encontrá-lo em sua potência máxima em um outro momento mais tarde. Como diria Blanchot, "A fuga é justamente esse tudo que se esconde e para onde ela nos atrai, repelindo-nos" (Blanchot, 2001: 47).

Na velocidade, cruzam a estrada corpos que se desarticulam, desformes, sob uma noite de brumas. São corpos sem rosto, devorados por uma sombra negra. Uma noite sem estrelas, onde o trabalho videofotográfico se transforma em uma experiência-limite. Aquilo que passou, perde-se para sempre, sem a possibilidade de olhar no espelho retrovisor de nossas vidas, pois não há faróis

nem lanternas na parte traseira deste carro. Apenas faróis dianteiros (Figura 2). Perdas irreversíveis ficaram para trás, como na história do mito grego de Orfeu e Eurídice.

Para Agnès Minazzoli, orfeu vem de *orphos*, pequeno peixe do mar que se esconde nas rochas, e que é “sem dúvida a origem da palavra órfão, ou seja alguém que perdeu para sempre uma coisa muito importante” (Minazzoli, 2002: 22). O personagem Orfeu da mitologia foi privado de sua amada Eurídice por não ter resistido à tentação de se voltar e olhar para trás, para vê-la, enquanto que ela “não era mais do que uma sombra” (Minazzoli, 2002: 22).

A palavra *Orphnê*, em grego, significa obscuridade, enquanto que *Orphanoiôs* quer dizer sombra. Do masculino ao feminino, a sombra muda de gênero conforme o idioma, o que significa para Minazzoli, que ela “escapa de nossas mãos, como um pequeno peixe ainda vivo, recém saído d’água (Minazzoli, 2002: 22).

O enigma, a imagem e a sombra formariam para Minazzoli uma trindade que marca a nossa imperfeição, a nossa incapacidade de ver. O espelho da fotografia e do vídeo, que os repete no trabalho de Torres, seria o *mise en abyme* desta imperfeição, um lugar privilegiado e ambíguo: o lugar de toda a meditação, pois que mediação da visão humana que não consegue ver a verdade na sua totalidade e face, “mas também um lugar possível de todas as fascinações e narcisismos” (Minazzoli, 1990: 73).

Conclusão

A sombra projetada sobre o muro, conforme nos relata Plínio, o Velho, em sua *História Natural*, marca a origem da pintura e de toda a representação, contornada à distância, mas próxima como um carinho. Nascido de um amor, o gesto de Dibutade apresenta também o sofrimento da perda iminente. Conforme Minazzoli, seria “como se a presença tivesse uma irmã gêmea, a ausência, e o amor, a perda do amor” (Minazzoli, 1999: 24).

Paradoxos em cena. O processo de criação de Lizângela Torres, ao trazer a irrupção intempestiva das trevas e da noite, nos levaria a pensar no *memento mori*, basculando entre a negação da morte e a sua afirmação. A artista nos mostra o quanto é tênue esta membrana que separa a vida e a morte, em um corpo que se apresenta e se ausenta. Na última série de *Incursões Noturnas*, desenvolvida no Chiado, em Lisboa, durante o ano de 2015, Torres trabalha com o princípio de que o olho não vê jamais aquilo que ele fotografa. Nesta zona de cegueira, a partir da decomposição do corpo, seriam revelados entre as ruas escuras e espaços escondidos do bairro, os fantasmas da arte. Uma experiência

mística onde surge, em uma mancha cega, em um nó, a sombra projetada de nossos desejos. Somos, como espectadores, atravessados pelo *pathos*. O trabalho nos é revelado como resiliência, em forma de múltiplos fantasmas: *work in progress, death in progress*. Positivo construindo o corpo de um negativo, onde o fantasma se converte em experiência extrema da alma.

Referências

- Blanchot, Maurice (2001) *the infinite conversation*. Minesotta: The University Press, 1998. ISBN 08166-1969-7
- Cícero, Marco Tulio. (2012) *Saber viver*. São Paulo: L & PM, ISBN 978 85 2542050 3.
- Gagnebin, Murielle. (2002). *L'ombre de l'image*. Paris: Champ Vallon, ISBN 9782876733640;
- Hegel, Friedrich. (2011). *Fenomenologia do Espírito* São Paulo: Vozes, ISBN 853262769;
- Junishiro, Tanisaki. (2005) *Elogio das sombras*. São Paulo: Google books, 2005 ISBN 9 782 27277;
- Lancri, Jean: (2013) *De l'ombre chez Duchamp*. Paris: Apolis Editions, ISBN 9 782 953 24 9569;
- Minazzoli, Agnès (2002) *La Première Ombre*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1999. ISBN 2-7073-1366-1;
- Minazzoli, Agnès. (1991) *La nuit blanche*. Em: *La recherche photographique* n°11, dez 1991. Paris: Maison Europeene de La photographie. ISSN 0983-8430;
- Maeglin-Delcroix, Anne. (1991) «Le Profit mort de notre inperfection». *La recherche photographique* n°11, dec 1991. Paris: Maison Europeene de La photographie. ISSN 0983-8430;
- Mondzain, Marie-José (1997). *L'ImageNaturelle*. Paris: Le Nouveau Commerce. ISBN 2855410789;
- Torres, Lizângela (2016) *Situações obscuras para a experiência indeterminada*. Texto de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2016;